

HIROMI KAWAKAMI

OS AMORES  
DO  
SENHOR NISHINO

Tradução  
Maria João Lourenço

  
casadasletras

## ÍNDICE

*PARFAIT* – 7

ENTRE AS ERVAS – 23

BOA NOITE – 47

O CORAÇÃO A MIL – 69

O REINO DO FIM DO VERÃO – 85

A TORRE DE OSAKA – 107

DE CAIXÃO À COVA – 125

*MARIMO* – 137

UVAS – 151

O TERMÓMETRO DE MERCÚRIO – 175

## PARFAIT

**M**inami tinha na altura sete anos. Era uma criança introvertida. Passava a vida a fazer peças de *origami* com os seus dedos graciosos. Um piano. Uma flor de miosótis. Um periquito. Um pequeno altar budista. Não se cansava de dar forma a toda a espécie de figuras, que guardava ciosamente numa caixa de cartão forrada com *chiyogami*<sup>1</sup>. Fui mãe muito nova.

Quando Minami tinha sete anos, ainda eu não fizera trinta, e por vezes perdia a paciência com ela. Logo a seguir, arrependia-me e abraçava-a com força. Possivelmente, esse comportamento devia-se à minha juventude, aliada a uma certa candura dela, lembrando um bebé, e talvez a minha falta de pachorra ficasse a dever-se a essa subtil amálgama. Quando a apertava nos meus braços, permanecia muda e queda. Minami era uma miúda calada.

Nessa época, eu estava apaixonada.

Seja lá o que for o amor.

Estava apaixonada por Nishino, um homem doze anos mais velho que eu. Tinha ido para a cama com ele uma data de vezes.

---

<sup>1</sup> Palavra que resulta da aglutinação dos termos *chiyo* (milhares de gerações) e *kami* (papel). Papel serigrafado com desenhos delicados, que reproduzem os motivos habitualmente usados nos quimonos. Utilizado para criar figuras de *origami*, bonecas japonesas e forrar livros. (*N. da T.*)

A primeira vez que ele me pôs um braço à volta do ombro, fiquei em silêncio, como Minami, e deixei que o fizesse. Calei-me, pura e simplesmente, e permiti que me abraçasse, sem me preocupar em saber se era ternura, paixão ou amor. Quando nos encontrávamos, sentia um desejo crescente de me aninhar nele, mas os sentimentos iniciais de Nishino permaneceram.

Que será o amor? As pessoas têm o direito de se apaixonar pelos outros, não de ser amadas. Lá por estar apaixonada, não significava forçosamente que Nishino se sentisse, também ele, apaixonado. Apesar disso, doía-me o coração por saber que não gostava tanto de mim como eu dele. Daí tanto suspirar.

Certo dia, Nishino ligou-me para o telefone fixo a uma hora em que o meu marido estava em casa. Foi ele quem me passou o telefone, sem fazer comentários. Limitou-se a dizer: «É da companhia de seguros.»

Segurei no auscultador e respondi baixinho: «sim», «de acordo», «não», «tudo bem». Do lado de lá da linha, ouvi a voz de Nishino. Imitou o tom dos funcionários de uma companhia de seguros, para afirmar, depois de uma pausa teatral, «quero fazer amor contigo agora mesmo». Entretanto, disse para com os meus botões que, no fundo, nem sequer gostava especialmente do sujeito.

Ali por perto, o meu marido não tugiou nem mugiu, ocupado a passar os olhos por vários documentos. Tanto podia saber como não. Durante os três anos que o nosso caso durou, terminado após um distanciamento progressivo, o meu marido nunca me fez perguntas.

De olhar cravado na sua elegante nuca, eu contentava-me em responder «sim», «certo», «tens razão». Ao fim de

alguns minutos, Nishino desligou sem dizer água-vai. Era sempre ele a pôr fim às chamadas. Embora não o amasse, estava indiscutivelmente apaixonada.

De vez em quando, ia ter com ele e levava Minami. Nishino era o primeiro a insistir para eu levar a minha filha comigo.

– Se algum dia tiver filhos, gostaria que fosse uma menina – costumava dizer. Não chegara a casar-se. À data, já devia passar dos quarenta. Era sete anos mais velho que o meu marido, mas não possuía o ar calmo e desprendido dele. Dava a impressão de nunca encaixar no molde da sociedade que o rodeava, e lembro-me do meu espanto ao receber das suas mãos um cartão de visita anunciando que ocupava um cargo importante.

Nishino aparecia-me em casa com presentinhos para Minami. «Abre», dizia ele, e ela abria o embrulho sem uma palavra. O laço vermelho fazia barulho ao desembulhá-lo com os dedinhos finos.

Um elegante porta-pincéis incrustado de conchas nacaradas. Um pisa-papéis em forma de cão. Um *anko*<sup>2</sup> com sementes de papoila. Uma caixinha de música que cabia na palma da mão. Sem mudar de expressão, Minami contemplava a oferta e, inclinando a cabeça em sinal de agradecimento, dizia num fio de voz: «Obrigada.»

Nunca me fez perguntas sobre Nishino. Limitava-se a dar-me a mão e acompanhava-me em silêncio, como uma sombra. Será que eu receava que ela pudesse falar de Nishino

---

<sup>2</sup> Brioche feito com pasta de feijão *azuki*, um feijão vermelho-acastanhado muito utilizado nas gastronomias japonesa e chinesa. (N. da T.)